



**UFOP**

Universidade Federal  
de Ouro Preto



Universidade Federal de Ouro Preto  
Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas  
Departamento de Serviço Social

Bárbara Baptisteli Vieira (Kiolla Errénu)

**Relatos de experiência da construção da minha identidade como pertencente ao  
Povo Borum Kren**

Mariana-MG, Outubro/2024

Bárbara Baptisteli Vieira (Kiolla Errénu)

**Relatos de experiência da construção da minha identidade como pertencente ao Povo Borum Kren**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto, como exigência para obtenção de Licenciatura em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Paulo Henrique Aguiar Mendes

Mariana-MG, Outubro/2024



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Bárbara Baptisteli Vieira**

**Relato de experiências da construção da minha identidade como pertencente ao povo Borum Kren**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura Português

Aprovada em 29 de setembro de 2024

### Membros da banca

Doutor - Paulo Henrique Aguiar Mendes - Orientador - Universidade Federal de Ouro Preto  
Doutora - Ada Magaly Matias Brasileiro - Universidade Federal de Ouro Preto

Paulo Henrique Aguiar Mendes, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 09/10/2024



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Henrique Aguiar Mendes, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 09/10/2024, às 11:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0792068** e o código CRC **31FFE303**.

## **Dedicatória**

Ao meu povo.

Apesar das disputas que nos separam, existe uma verdade profunda que nunca poderá ser ignorada: a natureza de um Borum Kren é lutar. No calor do confronto, na ardência da divergência, encontramos o vigor que define nossa essência, as nossas batalhas, por mais intensas que sejam, são a prova de nossa paixão, da força que pulsa em nosso sangue, mais espesso e a água de nossos rios sagrados.

A nossa história, forjada no fogo e nas montanhas, baseada resistência e na bravura de nossos ancestrais, nos ensina que cada conflito é uma oportunidade de crescimento e reafirmação. Assim como o céu clareia após a tempestade, a natureza de nossas lutas serve para nos lembrar da luz que carregamos dentro de nós, uma luz que nenhum desacordo pode apagar pois as palavras da canção mais antiga ecoam em nossos corações, lembrando-nos de que, mesmo quando os ventos da discórdia sopram forte, a bonança está sempre ao nosso alcance.

Sob o céu imenso, somos um só povo, nossos corações batendo no mesmo ritmo, alimentados pela mesma seiva ancestral. Nossas raízes são profundas, entrelaçadas em um solo sagrado que nutre nossa alma e nos mantém firmes, mesmo nas tempestades mais ferozes e quando o sol volta a brilhar, após a chuva e o trovão, ele nos encontra de pé, mais fortes e unidos do que antes.

Nossos antepassados lutaram e sofreram, mas também resistiram e triunfaram, deixando-nos um legado de coragem e resiliência. Em cada briga, em cada desacordo, temos a chance de honrar essa herança, lembrando que, apesar das diferenças, somos parte de um todo maior, já que cada passo que damos, a cada desafio que enfrentamos, reafirmamos nosso compromisso com a nossa identidade e com o futuro de nosso povo.

Que possamos sempre lembrar que, no fim das contas, o sangue que corre em nossas veias é mais espesso que a água. Ele é o elo que nos une, que nos define e que nos impulsiona adiante, sendo a nossa luta é um testemunho de nossa resiliência, e a nossa união, a prova de nossa indomável coragem. Com profundo respeito, esperança e a certeza de que juntos somos mais fortes.

### **Agradecimentos:**

A realização deste Trabalho de Conclusão de Curso foi uma jornada desafiadora e enriquecedora, marcada por momentos de aprendizado, crescimento e superação. Nesse percurso, contei com o apoio indispensável de pessoas cujas contribuições foram fundamentais para a concretização deste projeto.

Agradeço imensamente à Professora Rita Lages, mesmo que eu não tenha escolhido sua área de ensino e ser sua orientanda, ela com dedicação, conhecimento e constante encorajamento foi muito importante para a realização deste trabalho. Suas valiosas sugestões e críticas construtivas permitiram o aprimoramento deste estudo, proporcionando-me um entendimento mais profundo e uma visão crítica necessária para a conclusão desta etapa acadêmica.

À Professora Eliane Martins, manifesto minha gratidão por seu apoio incansável e por sua disponibilidade em compartilhar seu vasto conhecimento. Sua abordagem detalhista e minuciosa ajudou a moldar este trabalho, garantindo que cada etapa fosse cuidadosamente revisada e aperfeiçoada. Sua orientação foi um raio de sol que guiou minhas pesquisas e reflexões, tornando este trabalho mais robusto e significativo.

Ao Professor Paulo Mendes por ter aceitado o desafio de trabalhar comigo nessa pesquisa e de me orientar do melhor modo possível.

Aos membros do Coletivo Parentes, minha mais sincera gratidão. A colaboração, o apoio mútuo e o espírito de comunidade que vocês proporcionam foram uma fonte constante de inspiração e força com a troca de experiências, conhecimentos e perspectivas com cada um de vocês enriqueceu não apenas este trabalho, mas também minha formação pessoal e acadêmica. Vocês me mostraram a importância do trabalho coletivo e da luta por causas comuns, valores que levarei comigo além desta etapa.

A todos vocês, agradeço por acreditarem em mim e por me proporcionarem a confiança necessária para seguir em frente. Este trabalho é, em grande parte, resultado do apoio e incentivo de cada um de vocês e por isso muito obrigada por fazerem parte dessa trajetória e por contribuírem de maneira tão significativa para a realização deste sonho.

**Resumo:**

Esse texto visa apresentar um relato de experiência da construção da minha identidade como pertencente ao povo Borum Kren, levando em consideração a cultura desse povo, seus modos de pensar, de agir, de lidar com a vida, enfim, sua ideologia, tendo em vista o conceito de deocolonidade, usando uma abordagem memorialística para documentar e analisar as narrativas, práticas e resistências que caracterizam as atuais vivências e expectativas Borum Kren.

Palavras-chave: Borum Kren, Identidade, discurso deocolonial, resistência.

**Abstract:**

This text aims to present an account of the experience of building my identity as belonging to the Borum Kren people, taking into account the culture of this people, their ways of thinking, acting, dealing with life, in short, their ideology, in view of the concept of deolonization, using a memorialistic approach to document and analyze the narratives, practices and resistances that characterize current Borum Kren experiences and expectations.

Keywords: Borum Kren, Identity, deolonial discourse, resistance.

## Sumário

Dedicatória.....	4
Agradecimentos.....	5
Resumo.....	6
Abstract.....	7
Introdução.....	9
Justificativa e objetivos.....	11
Metodologia.....	14
Desafios.....	15
Observações.....	17
Pesquisa de campo 1.....	19
Pesquisa de campo 2.....	21
Pesquisa de campo 3.....	23
Pesquisa de campo 4.....	26
Pesquisa de campo 5.....	27
Pesquisa de campo 6.....	28
Capítulo 1.....	30
Capítulo 2.....	32
Capítulo 3.....	33
Capítulo 4.....	36
Capítulo 5.....	38
Conclusão.....	40
Bibliografia.....	42
Referências documentais.....	44



## **Introdução**

Os estudos discursivos de caráter decolonial, conforme estudo de Grosfoguel (2009) se inserem num campo de pesquisas que examinam criticamente e buscam desconstruir certas concepções e representações dos discursos dominantes que perpetuam a colonialidade do saber, do poder e do ser. Essa abordagem crítica busca revelar e valorizar os conhecimentos, as práticas e as identidades dos povos colonizados, que foram historicamente silenciados ou marginalizados pelas narrativas coloniais.

No contexto da retomada da identidade Borum Kren, a análise discursiva decolonial se foca na reapropriação e valorização das identidades indígenas que foram apagados ou substituídos por ocidentais ao longo da colonização, como mostra Hall (2003) especificamente o caso do povo Borum Kren. Essa retomada representa um ato de resistência e resiliência cultural, reafirmando a identidade e a história dos povos indígenas em um contexto mais amplo de lutas decolonialista na América Latina, de acordo com Casanova (2002).

A análise desse processo pode envolver a investigação de como os discursos identitários foram alterados ou suprimidos durante a colonização, e como a recuperação dos mesmos contribui para a reconstrução da memória coletiva e da identidade cultural. Também examina a importância simbólica e prática dessa recuperação, tanto para as comunidades indígenas quanto para a sociedade em geral, ao desafiar e desestabilizar as narrativas coloniais hegemônicas.

Assim esse estudo procura, por meio de um relato de experiência da construção da minha identidade como pertencente ao povo Borum Kren, compreender as dinâmicas de poder nos processos de identificação, desidentificação e reidentificação, destacando a importância de recuperar e valorizar o discurso original como um meio de resistir à colonialidade e afirmar a identidade indígena.

Desse modo, os relatos que integram esse TCC têm a função de mostrar que as vivências dos Borum Kren revelam que eles, por meio de sua luta pela preservação de sua memória e identidade, são sujeitos de uma história de resistência decolonial em um país que ainda apresenta sérios problemas mal resolvidos oriundos de sua herança colonial.

A reconstrução da identidade indígena é um processo complexo e multifacetado, que envolve a recuperação de tradições culturais, línguas, práticas espirituais e modos de vida que foram profundamente impactados pela colonização e pela modernização forçada. No caso do povo Borum Kren, essa reconstrução ganha uma dimensão ainda mais urgente e significativa, dada a longa história de marginalização e tentativa de assimilação que enfrentaram ao longo dos séculos. Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo analisar o processo de reconstrução da identidade indígena do povo Borum Kren, utilizando um enfoque memorialístico para documentar e interpretar as narrativas, práticas e resistências que têm caracterizado essa jornada, com base do conceito de decolonialidade (que procura ver os povos que sofreram a colonização como sujeitos de uma história de resistência), como nos mostram, por exemplo, os já citados Grosfoguel (2009), Hall (2003) e Casanova (2002).

Ao adotar uma abordagem baseada em memórias e relatos orais, na perspectiva da análise do discurso como nos mostram Votre (2021) e Paveau (2013) este estudo busca não apenas compreender as dinâmicas internas de resgate cultural, mas também destacar a importância da memória coletiva na preservação e revitalização da identidade indígena. A pesquisa parte do pressuposto de que, como nos mostra Proença e Teno (2011, p. 133-135), a identidade é um elemento dinâmico e em constante transformação, e que é fundamental, conforme Coelho e Mesquita (2013) para que os indivíduos e as coletivas as quais pertencem possam saber quem são, dar sentido ao modo como se vêm, se compreendem e lidam com o outro (com aqueles que não se identificam), tendo como base um dos elementos fundamentais nesse processo, a memória, que desempenha um papel crucial na manutenção e adaptação dessa identidade ao longo do tempo.

Assim, o memorial sobre a reconstrução da identidade do povo Borum Kren não se limita a uma simples recuperação do passado, mas é também uma afirmação de resistência e uma projeção de um futuro baseado em seus próprios termos e valores que ainda resistem apesar da perda de seu território, como mostra Jacinto (2023).

Através desta pesquisa, pretende-se contribuir para o campo dos estudos indígenas, oferecendo um relato que permite ampliar a visão do processo de reconstrução identitária, como ao destacar a importância da memória como um instrumento vital de resistência e afirmação cultural.

Esse trabalho será estruturado em várias seções, começando pela justificativa de sua existência, que explicará a relevância da temática abordada e o contexto em que se insere,

em seguida, exploraremos os desafios enfrentados pelos Borum Kren e a complexidade do apagamento cultural, apresentando observações que ajudam a contextualizar essa realidade.

A seção das seis pesquisas de campo oferecerá uma análise detalhada das experiências e percepções coletadas, permitindo um olhar aprofundado sobre a vivência contemporânea dos Borum Kren, depois, a contextualização teórica irá embasar as discussões, trazendo referências que dialogam com as práticas decoloniais e a luta pela memória. A natureza memorial do texto proporcionará um espaço rico para a subjetividade, onde emoções e experiências pessoais estarão entrelaçadas, reforçando a coletividade da memória indígena. Daremos especial atenção às vozes autênticas dos Borum Kren, assegurando que suas histórias sejam contadas de forma genuína e respeitosa.

Adicionalmente, incluiremos reflexões pessoais ao longo da pesquisa, questionando minhas próprias perspectivas e as da minha comunidade em relação à identidade e à memória. Dessa forma, o memorial não apenas registrará, mas celebrará e reivindicará a memória decolonial, contribuindo para a valorização das culturas indígenas.

Essa abordagem integrativa visa promover um diálogo mais profundo sobre a diversidade cultural e a importância da memória, estimulando uma compreensão mais rica das identidades indígenas e enfatizando o papel vital que essas narrativas desempenham na construção de um futuro mais inclusivo e respeitoso.

Desse modo o texto está estruturado em seis relatos de pesquisa de campo, que descrevem vivências indígenas, e em cinco capítulos que procuram analisar essas vivências.

### **Justificativa e objetivos**

Justificar um trabalho focado na análise discursiva decolonial da retomada da identidade Borum Kren é particularmente relevante e significativo, considerando que sou

pertencente mesmo e que a faculdade se localiza no território Borum Kren. Tal contextualização dá ao estudo uma dimensão pessoal, comunitária e política, que fortalece ainda mais a sua importância e urgência.

Primeiramente, a minha proximidade para a questão estudada proporciona uma perspectiva interna, autêntica e profundamente informada sobre as dinâmicas culturais, históricas e sociais em jogo como membro da comunidade Borum Kren, possuindo um conhecimento vivencial e uma compreensão íntima das implicações da supressão e da retomada de tal identidade e discurso indígena. Isso confere ao trabalho um grau de legitimidade e autoridade que dificilmente poderia ser alcançado por pesquisadores externos, pois a vivência ancorada em minha própria experiência e na de minha comunidade, é crucial para garantir que a narrativa e a análise não sejam apenas teóricas, mas também enraizadas nas realidades vividas pelos Borum Kren.

Adicionalmente, o fato de a faculdade estar localizada no território Borum Kren torna o trabalho uma iniciativa decolonial não apenas em teoria, mas também na prática, a instituição acadêmica, ao acolher e apoiar esta pesquisa, contribui para a descolonização do espaço universitário pois muitas vezes, as universidades sejam ou não em territórios indígenas operam com uma colonialidade implícita, ignorando ou marginalizando os saberes e as vozes nativas. Este trabalho, ao ser conduzido por uma Borum Kren é centrado em questões pertinentes ao meu povo, desafia essas práticas coloniais e promove a inclusão e valorização das epistemologias indígenas no ambiente acadêmico.

Além disso, este estudo tem um impacto direto na comunidade local, servindo como um ato de resistência cultural e fortalecimento da identidade coletiva. A retomada da identidade dos Borum Kren é um movimento de reafirmação da história, da cultura e dos direitos dos povos indígenas, contra a contínua marginalização e apagamento resultantes do colonialismo, desse modo a pesquisa pode apoiar e inspirar outras iniciativas de revitalização cultural, proporcionando uma base teórica e prática para ações comunitárias.

Em termos mais amplos, este trabalho contribui para a luta global contra a colonialidade ao expor e desafiar as narrativas coloniais que persistem em várias esferas, o estudo se alinha com movimentos decoloniais em todo o mundo que buscam justiça, reconhecimento e a valorização das culturas e identidades indígenas. Através do material memorial discursivo decolonial, o trabalho revela as estruturas de poder que continuam a oprimir os povos indígenas e propõe caminhos para sua desconstrução.

Portanto, a justificativa para este trabalho é robusta e multifacetada. Ele não só é academicamente relevante, proporcionando uma contribuição original ao campo da análise discursiva decolonial, mas também é profundamente significativo para a mim, minha comunidade, outras comunidades e a instituição acadêmica. Ao integrar a perspectiva interna dos Borum Kren e situar-se em seu território, o trabalho promove a descolonização do saber e a resistência cultural, contribuindo para a justiça e a valorização das identidades indígenas.

Dessa maneira, o objetivo central de um estudo baseado na análise discursiva decolonial sobre a retomada da identidade Borum Kren é desarticular as narrativas hegemônicas que perpetuam a colonialidade, de acordo com Grosfoguel (2009,) Hall (2003) e Casanova (2002). Essa abordagem abrange uma crítica ampla às práticas discursivas que, historicamente, têm marginalizado e silenciado as culturas indígenas. A análise decolonial revela as dinâmicas de poder e controle exercidas por meio da linguagem e da imposição de valores ocidentais, que afetaram os elementos fundamentais da identidade cultural, como adornos, pinturas corporais e narrativas orais.

A colonização implicou um processo sistemático de apagamento cultural, no qual práticas culturais dos Borum Kren, como o uso de adornos tradicionais e pinturas corporais, foram desvalorizadas e frequentemente proibidas (BAETA e MOREIRA, 2022). Esses elementos, que carregam significados profundos relacionados à identidade, ao território e à cosmovisão do povo, foram substituídos por práticas e símbolos ocidentais, de modo que a recuperação desses aspectos culturais, como parte de um movimento mais amplo de descolonização, representa uma reafirmação da identidade Borum Kren e uma resistência à imposição de valores coloniais. A revitalização das histórias tradicionais, que transmitem conhecimentos ancestrais e reforçam a coesão social, também desempenha um papel crucial nesse processo, desafiando as epistemologias coloniais que tentaram silenciá-las.

Além de expor as estratégias de dominação cultural que resultaram na alteração ou apagamento dos nomes, língua e outras práticas culturais Borum Kren, a análise discursiva decolonial destaca como essas dinâmicas ainda influenciam as estruturas sociais contemporâneas. A descolonização, nesse sentido, envolve a valorização e legitimação de saberes e práticas indígenas que foram sistematicamente desconsiderados pelas epistemologias eurocêntricas, nesse ponto a retomada de adornos, pinturas e narrativas não é apenas um resgate simbólico, mas uma ação concreta que fortalece a

identidade cultural e contribui para a justiça social e a autodeterminação dos povos indígenas.

A análise discursiva decolonial, ao focar na recuperação desses elementos culturais, desestabiliza as narrativas coloniais que apresentam os povos indígenas como inferiores ou atrasados. Ao valorizar a identidade nativa há necessariamente um enfrentamento colonialidade do ser, que tenta redefinir as identidades indígenas segundo parâmetros coloniais. Esse processo de ressignificação cultural tem implicações práticas para a reconstrução da memória coletiva e para a afirmação da soberania cultural, promovendo um campo acadêmico mais inclusivo e diverso, onde os conhecimentos indígenas são reconhecidos e respeitados.

Em suma, o trabalho busca descolonizar as práticas discursivas ao criticar as narrativas coloniais que marginalizam os povos indígenas e analisar a recuperação de aspectos fundamentais da cultura Borum Kren, como parte de um movimento de resistência e revalorização da identidade indígena. Ao desafiar as estruturas de poder que sustentam a colonialidade, a análise discursiva decolonial promove uma reorientação epistêmica que valoriza formas de conhecimento e existência marginalizadas pelo projeto colonial.

## **Metodologia**

Conforme esclarecido na introdução, os conceitos-chave que embasam esse trabalho de conclusão de curso é o de discurso decolonial e identidade. Eles e uma amostra da bibliografia especializada no estudo das vivências decoloniais indígenas, especialmente as dos Borum Kren, orientaram as pesquisas de campo. Estas foram feitas durante visitas

a aldeias, a eventos políticos e culturais e a atividades gerais, como cursos, reuniões lúdicas do mencionado povo.

Assim, foram confrontadas a bibliografia e as observações de campo para compreender como as vivências e relatos sobre memórias ancestrais, que estruturam a identidade dos Borum Kren, evidenciam sua resistência deocolonial.

Para isso, esse texto foi organizado para apresentar as pesquisas de campo e, em seguida, avaliar as o material obtido durante elas como forma de mostrar de que maneira esse trabalho de conclusão de curso foi desenvolvido e as conclusões que dele podem ser obtidas.

### **Desafios da identidade/comunidade Borum Kren:**

O povo Borum Kren enfrenta desafios profundos e multifacetados que refletem tanto a história de colonização do Brasil, marcada por uma história de violência contra os povos indígenas, de acordo com Ribeiro (2009), quanto as atuais dinâmicas sociais e políticas que cercam as populações indígenas. Com um número reduzido de remanescentes e sem um território demarcado, os Borum Kren vivem uma situação de extrema vulnerabilidade,

o que aumenta o fator de invisibilidade que marca a trajetória desse povo e contribui para a falta de reconhecimento e apoio, tanto por parte do governo quanto da sociedade em geral, agravando a precariedade de suas condições de vida, de acordo com Baeta e Moreira (2022).

Essa invisibilidade se manifesta de várias formas, incluindo a rivalidade com outros povos indígenas da região, que, em muitos casos, possuem maior estrutura, apoio e recursos. A disputa entre grupos étnicos e a ausência de mediação governamental adequada intensificam essas tensões, deixando os Borum Kren em desvantagem que é ainda mais agravada pela falta de um território próprio, dessa forma os membros dessa etnia são forçados a viver em condições incertas, sem a segurança de um espaço onde possam exercer plenamente suas práticas culturais e sociais, como mostra Baniwa (2006).

Um dos reflexos mais dolorosos desse processo de marginalização é o declínio da língua nativa do povo Borum Kren, conhecida como Ithok que com o passar do tempo, a violência colonial que incluía a amputação do órgão língua e a falta de mecanismos eficazes para a preservação linguística, o Ithok caiu em desuso, restando apenas alguns dicionários incompletos como testemunho de uma língua que outrora era vibrante. A extinção gradual do Ithok não representa apenas a perda de um meio de comunicação, mas também o apagamento de uma parte significativa da identidade cultural dos Borum Kren. A língua, como veículo de transmissão de saberes ancestrais, crenças, nomes e valores, é essencial para a continuidade da cultura de um povo, assim sendo a perda da mesma evidencia o impacto devastador da colonização e da modernização sobre as culturas indígenas minoritárias.

Outro aspecto crítico da situação dos Borum Kren é a insegurança em relação ao uso de seus elementos culturais tradicionais, como os bодоques, os adornos, e as pinturas corporais. Em um contexto onde a identidade indígena é frequentemente estigmatizada, muitos membros do povo Borum Kren sentem-se pressionados a abandonar ou ocultar essas práticas, sendo esse fenômeno resultado de séculos de colonização, durante os quais as expressões culturais indígenas foram reprimidas e desvalorizadas, levando a uma internalização do preconceito por parte dos próprios indígenas, segundo estudo de Quijano (2005).

A colonização também trouxe consigo uma inversão dos valores sociais e culturais tradicionais dos Borum Kren. Antes da chegada dos colonizadores, práticas como o respeito pelos mais velhos, a igualdade de gênero, e a aceitação das diversidades sexuais



e de gênero eram comuns e valorizadas dentro da comunidade. No entanto, a imposição dos valores cristãos e coloniais resultou na disseminação de ideologias como o etarismo, a misoginia, a LGBTQIA+fobia e um conservadorismo que contrasta com a visão de mundo original dos Borum Kren. Essas ideologias, ao serem assimiladas, contribuíram para a desestruturação das relações sociais e para a fragmentação da identidade coletiva do povo.

A história e a atual condição do povo Borum Kren são testemunhos de como a colonização e a modernidade impuseram desafios quase insuperáveis a muitos povos indígenas no Brasil (BAETA e MOREIRA, 2022). Para que os Borum Kren possam preservar e revitalizar sua cultura, é essencial que sejam reconhecidos e que seus direitos sejam garantidos, incluindo a demarcação de um território próprio e a implementação de políticas de preservação linguística e cultural. Somente assim será possível reverter, pelo menos em parte, os danos causados por séculos de opressão e garantir que as futuras gerações de Borum Kren possam viver de acordo com suas tradições e valores.

#### **Observações sobre vivência da comunidade Borum Kren e suas manifestações:**

A vivência contemporânea do povo Borum Kren reflete um esforço constante de adaptação e resistência diante de desafios estruturais e sociais impostos tanto pelo passado colonial quanto pelo contexto urbano em que estão inseridos. Com a perda de seu território tradicional e a conseqüente dispersão, a identidade Borum Kren passou a ser mantida e negociada principalmente por meio de reuniões, intervenções urbanas nas cidades de Mariana e Ouro Preto, e uma presença ativa em eventos indígenas. Esse povo, que já enfrenta dificuldades significativas em termos de visibilidade e reconhecimento,

agora se vê diante de novos desafios que emergem da tentativa de se articular em um ambiente marcadamente diferente de sua vivência ancestral.

A comunicação entre os membros do povo Borum Kren se dá predominantemente via internet, um reflexo da realidade contemporânea em que a digitalização facilita a troca de informações e a organização de atividades, contudo, essa dependência da comunicação virtual também evidencia a falta de infraestrutura física e territorial que outrora caracterizava as comunidades indígenas tradicionais. A internet, embora ofereça um meio de manter a coesão e facilitar a mobilização, não substitui o território físico, que é essencial para a manutenção das práticas culturais e para o fortalecimento da identidade coletiva.

Os Borum Kren têm marcado presença em eventos indígenas, tanto regionais quanto nacionais, enviando representantes que buscam reafirmar a existência e os direitos de seu povo. Essa participação é crucial, pois lhes permite construir redes de solidariedade e apoio com outros povos indígenas, além de garantir alguma visibilidade em um cenário político e social que, de outra forma, tenderia a ignorá-los. Ademais, o povo conta com uma base sólida de indivíduos de nível acadêmico, que desempenham um papel fundamental ao trazer o conhecimento técnico e as habilidades necessárias para navegar em ambientes institucionais e acadêmicos, promovendo assim a causa Borum Kren em espaços formais e adquirindo conhecimento e instruções para serem repassadas.

No entanto, apesar dessas iniciativas, o povo Borum Kren enfrenta uma série de limitações que comprometem a eficácia de suas ações e a coesão interna. A falta de recursos financeiros é um dos principais obstáculos, restringindo a capacidade de implementação de projetos, de participação em eventos e de manutenção de uma estrutura organizacional mínima. A ausência de uma linha de frente bem definida e organizada agrava ainda mais essa situação, resultando em uma série de problemas operacionais e estratégicos, como atividades e intervenções que geralmente ocorrem de maneira improvisada, muitas vezes sendo planejadas e executadas em cima da hora, o que diminui significativamente o impacto potencial dessas ações.

Essa desorganização interna não se limita apenas à execução de atividades, mas também afeta o processo de tomada de decisões e a definição de prioridades. A falta de consenso sobre quais questões devem ser abordadas primeiro e como os recursos escassos devem ser alocados gera conflitos e tensões entre os membros do povo. Em um contexto onde as oportunidades de visibilidade e apoio são raras e precisam ser aproveitadas com máxima

eficiência, a falta de uma estratégia clara e coordenada leva à perda de inúmeras chances de avanço, seja em termos de reconhecimento público, de parcerias estratégicas ou de fortalecimento interno.

Essas dificuldades são ainda mais exacerbadas pela dinâmica interna de poder e pelos conflitos interpessoais. Quando membros do povo Borum Kren tentam apontar erros ou propor iniciativas de forma independente, frequentemente motivados pela frustração de ver áreas específicas sendo negligenciadas, surgem tensões que podem escalar para conflitos graves. A crítica ou a iniciativa, em vez de serem acolhidas como oportunidades de melhoria, muitas vezes são vistas como ameaças à coesão do grupo, resultando em medidas punitivas como restrições, exílio ou até banimento do membro dissidente. Esse tipo de reação evidencia uma fragilidade estrutural na gestão interna do povo, onde a falta de um sistema organizado de liderança e a ausência de mecanismos de resolução de conflitos minam a capacidade coletiva de lidar com divergências de maneira construtiva.

Em síntese, a vivência do povo Borum Kren na atualidade é marcada por um paradoxo fundamental: ao mesmo tempo em que buscam afirmar sua identidade e lutar por seus direitos em um ambiente urbano e digital, enfrentam graves desafios decorrentes da falta de recursos financeiros, de organização interna e de consenso. A tensão entre a necessidade de preservar a identidade cultural e a pressão para se adaptar às exigências do mundo moderno gera conflitos que, se não forem devidamente administrados, podem comprometer seriamente a unidade e a eficácia do povo Borum Kren em sua luta por reconhecimento e por um futuro mais seguro e digno. A superação dessas dificuldades exige não apenas um fortalecimento das estruturas internas, mas também a construção de alianças estratégicas que possam oferecer o apoio necessário para que os Borum Kren possam continuar sua trajetória de resistência e afirmação.

### **Pesquisa de campo 1:**

Durante o mês de junho de 2023, a aldeia indígena pluriétnica Maraka'nà foi visitada, essa aldeia se localiza ao lado do estádio de mesmo nome na cidade do Rio de Janeiro. A aldeia foi resultado dos esforços coletivos de diferentes povos desde o ano de 2006, quando no qual ocorreu a primeira ocupação cujos integrantes qual foram retirados sob violência policial. O coletivo indígena responsável, entretanto, voltou a ocupar o seu território da mesma forma e seguiu resistindo as diversas tentativas do estado para os retirara-los do local. Atualmente a aldeia também funciona como movimento social, universidade e até editora, oferecendo apoio, material, oficinas e cursos de conteúdo

originário, produzindo o seu próprio contra discurso dentro do discurso colonial contemporâneo e cosmopolita da grande Rio de Janeiro.

Cada parte da pequena aldeia no coração da grande metrópole resiste contra a mesma: A organização sistêmica, as pinturas nas antigas paredes do Museu do Índio, o qual estava abandonado e ironicamente tem em forma de palácio, hoje está pintado com obras de autores indígenas baseadas em grafismos e *corpus nus*, as palestras, conferências, discussões, oficinas e cursos oferecidos pela universidade a qual têm configurações completamente distintas a modo tradicional, sendo ao ar livre, com os alunos e convidados sentados ao chão ou em um simples círculo de cadeiras, ao lado das crianças que estão correndo e brincando, dos artesãos mostrando sua arte, dando para ouvir o barulho e sentir o cheiro da alimentação sendo feita ao lado, em uma pequena cabana. Tais características denotam sua importância e relevância para o movimento indígena como cerne de produção de discursos decoloniais pautados em memória indígena.

A obra produzida pelo coletivo da referida aldeia, *Nossas artérias, nossas raízes*<sup>1</sup> é uma manifestação contra a história oficial e a favor da necessidade da criação dessa aldeia, a qual hoje atua nos mais diversos âmbitos e de mais diferentes modos como polo de referência e de produção de discurso descaravelístico. O livro lançado na aldeia e disponível em PDF se trata material constituído por narrativas de memórias e citações sobre os principais eventos da aldeia e sua formação por meio de relatos de seus fundadores, líderes e representantes, entre eles Urutau Guajajara, Potyra Guajajara e Julia Xavante.

Os relatos, antes apenas orais e locais, foram então preservados e disseminados em forma física e digital para todos os lugares do território, de forma a catalogar, preservar e popularizar os mesmos. Tal estratégia, apesar de não ser tradição nativa, foi adotada mesmo em um contexto de produção de discurso decolonial, pois se entendeu que, através do processo de genocídio cultural sofrido por esses povos, que os seus colonizadores se aproveitaram de sua tradição amplamente oral para distorcê-la, marginalizá-la e excluí-la, ao dizer que não poderia ser considerada literatura, registro ou documento, dizimando a população indígena para que a oralidade se perdesse junto com os falantes e com isso a cultura tida como inferior desaparecesse perante o ideal eugênico. O pouco que sobrou foi adulterado e embranquecido dentro de narrativas orais que hoje

---

<sup>1</sup> Obra coletiva sem autoria identificada, produzida pelo coletivo da aldeia Maraka'nà e publicada em 2023 a partir de uma parceria entre a Universidade Indígena e a Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro.

são populares e levam todo o crédito da origem e ainda produzem discurso colonial e muitas vezes até mesmo de supremacia branca, dessa forma é imprescindível a criação de versões escritas das tradições orais originárias.

Outro livro publicado na Maraka'nà é a obra *Cantos e Encantos*,<sup>2</sup> uma coletânea de cânticos tradicionais, sendo a maioria oriunda do povo Guajajara, e suas respectivas tradições. Tais cânticos refletem a cultura de seu respectivo povo, fazendo menção a questões alimentares, sociais, espirituais, etc... Toda parte do livro, com exceção dos desenhos ilustrativos, foi produzida dentro da aldeia, ou seja, todos os cânticos ali contidos e preservados fazem parte de uma memória sobrevivente de um genocídio cultural e os mesmos foram passados de geração a geração. Assim, a liderança dessa aldeia promoveu a produção da referida coletânea, esmerando-se para preservar o que restou de seus ancestrais, como uma forma de resistência aos efeitos de longo prazo da colonização.

Ambas as obras acima comentadas, como outras de mesma natureza, na condição de um discurso decolonial, são exemplos da capacidade de organização da comunidade indígena de preservar memórias, práticas culturais e, com isso, reforçar sua identidade.

### **Pesquisa de campo 2:**

Em setembro de 2023 ocorreu o evento da marcha das mulheres indígenas em Brasília, Distrito federal, esse evento ocorre uma vez a cada dois anos e é organizado pela ANMIGA, Associação Nacional de Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade, sendo em síntese um acampamento no qual se reúnem diversas caravanas majoritariamente compostas de mulheres de povos indígenas de todo o Brasil, que se reúnem para debater as pautas sobre a vivência indígena feminina dos últimos anos e planejar os anos seguintes.

O evento conta com feira de artesanato, desfile, plenárias, lançamento de livros, reuniões entre os representantes dos povos e outros eventos que no final culminam em uma marcha pela cidade com todo a presença de todo o acampamento levando cartazes, vestidos a rigor, entoando seus ritos antigos e tocando instrumentos típicos de sua nação originária.

---

<sup>2</sup>Obra coletiva sem autoria identificada, produzida pelo coletivo da aldeia Maraka'nà e publicada em 2023 a partir de uma parceria entre a Universidade Indígena e a Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro.

A existência e a escolha do local da marcha permitem que se crie um contra discurso poderoso e bem articulado que se desdobra em diferentes níveis, e chegando até a criar um metadiscurso. No coração do projeto colonial, no qual até hoje se fazem políticas de discurso eurocêntrico, eugenista e misógino, mais de 3 mil mulheres de regiões e etnias diferentes saem de sua casa para encontrar outras mulheres e produzir, sob o olhar vigilante do palácio do planalto e, ao vivo, um manifesto discursivo contra tudo o que representam não apenas o prédio e a cidade, mas também o país, em termos de sua construção imaginária (oficialmente legitimada).

Nesse evento também foi projetado como uma atitude crítica contra o discurso colonialista e patriarcal vigente, e ao ser encerrado as mulheres que nele marcharam voltam para as suas casas e transmitem/fomentam, no boca a boca, toda a experiência vivida no evento, gerando discursos decoloniais dentro de suas comunidades, os quais afetam, por consequência a comunidade na qual estão inseridas, expandindo a dimensão simbólica do evento.

A estrutura do evento em si remonta bastante às origens: Os povos acham um lugar agradável perto de outros povos amigos e montam suas acomodações em barracas, fazendo fogueiras no centro para iluminar e aquecer. A alimentação é compartilhada por todos, o banho é coletivo e frio. No final do dia as pessoas se encontram ao redor delas para discutir os acontecimentos do dia e praticar algumas de suas manifestações culturais. Os povos fazem cada um, ao vivo e na frente de todos os outros, o seu próprio contra discurso, que se articulam dialogicamente em um contra discurso decolonial ainda maior, criando uma teia discursiva extremamente rica e complexa.

Dessa forma é possível afirmar que o evento não é decolonial apenas em sua temática e origem, mas também em sua forma, veículo, estrutura, nichos e desdobramentos, sendo produzido, difundido e recebido como um polo anticaravanas.

### **Pesquisa de campo 3**

O Projeto Awery emergiu como uma iniciativa colaborativa entre diversos institutos e coletivos indígenas em parceria com a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), tendo como principal objetivo proporcionar a pessoas não indígenas a oportunidade de vivenciar e compreender de forma mais profunda a riqueza e a complexidade das culturas indígenas brasileiras. O nome "Awery", que em algumas línguas indígenas significa "encontro" ou "conexão", simboliza a proposta central do projeto: construir pontes de entendimento e respeito mútuo através da imersão cultural e do compartilhamento de saberes tradicionais.

A programação do projeto foi cuidadosamente elaborada para oferecer experiências diversificadas e imersivas. Uma das primeiras atividades foi a palestra sobre plantas medicinais, ministrada por lideranças e conhecedores tradicionais das comunidades indígenas envolvidas, durante o evento, os participantes tiveram a oportunidade de aprender sobre a vasta gama de plantas utilizadas tradicionalmente para fins terapêuticos,

compreendendo não apenas suas aplicações práticas, mas também o contexto espiritual e cultural que permeia esse conhecimento ancestral. Foram discutidos temas como a relação de respeito e reciprocidade com a natureza, os métodos de coleta sustentável e os rituais associados ao uso dessas plantas.

No final a interação permitiu que os participantes entendessem a importância da biodiversidade e da preservação ambiental, bem como os desafios enfrentados pelas comunidades na manutenção e transmissão desses conhecimentos diante das pressões contemporâneas.

Em sequência, foi realizada a introdução ao Projeto Descoloniza, uma iniciativa que visa desconstruir narrativas hegemônicas e promover a valorização das vozes e perspectivas indígenas na sociedade. A apresentação destacou a importância de questionar e reformular conceitos arraigados sobre a história e a cultura indígena, enfatizando a necessidade de espaços de diálogo que permitam a expressão autêntica dessas comunidades e foram compartilhadas experiências de projetos anteriores, estratégias de comunicação inclusiva e exemplos de como a educação e a mídia podem ser utilizadas como ferramentas de transformação social. Os participantes foram incentivados a refletir sobre seus próprios preconceitos e a considerar formas de apoiarem-se e engajarem-se ativamente em processos de descolonização do conhecimento.

Outra atividade marcante foi a contação de histórias do povo Borum Kren. As narrativas, ricas em simbolismo e sabedoria, transportaram os ouvintes para universos repletos de ensinamentos sobre a criação do mundo, a relação entre os seres vivos, valores morais e lições de vida. Através das histórias, os participantes puderam compreender melhor a cosmologia Borum Kren, seus mitos fundadores e a importância da oralidade na preservação da identidade e da memória coletiva.

A roda de conversa com os alunos da UFOP serviu como um espaço aberto para diálogo e troca de experiências entre os estudantes e os representantes indígenas. Nesse ambiente acolhedor, foram discutidos temas como a inclusão indígena no ambiente acadêmico, os desafios enfrentados pelas comunidades nos âmbitos social e político, e as formas de fortalecer alianças e colaboração entre indígenas e não indígenas. Os alunos tiveram a oportunidade de fazer perguntas, expressar curiosidades e compartilhar suas próprias perspectivas, promovendo um entendimento mais profundo e empático das realidades apresentadas de modo o qual a conversa facilitou a desconstrução de estereótipos e estimulou o compromisso com ações concretas de apoio e respeito às culturas indígenas.



O ponto culminante do projeto foi a vivência no local conhecido como Curva do Rio, território tradicional do povo Borum Kren. Essa imersão proporcionou aos participantes uma experiência direta e intensa com o modo de vida e os costumes da comunidade. Logo na chegada, foram recebidos com cantos tradicionais, cujas melodias e ritmos ecoavam a ancestralidade e a conexão profunda com a terra, sendo a música como uma introdução sensorial à cultura Borum Kren, criando um ambiente de acolhimento e celebração.

Durante a estadia, os participantes envolveram-se ativamente na preparação de comidas tradicionais, distintas das práticas culinárias urbanas às quais estavam acostumados, sob a orientação dos membros da comunidade, aprenderam a limpar peixes, uma habilidade nova para muitos, que envolveu técnicas específicas e um respeito intrínseco pelo alimento proveniente da natureza. A preparação das refeições foi realizada de forma totalmente sustentável e integrada ao ambiente: o fogo foi aceso de maneira rústica, utilizando madeira coletada na mata, e a estrutura para cozimento foi montada na hora com troncos encontrados no local. Essa experiência não apenas ensinou habilidades práticas, mas também transmitiu valores de autossuficiência, respeito ao meio ambiente e cooperação coletiva.

A ambientação na mata fechada, sem sinal de telefone ou outras comodidades modernas, proporcionou um contato profundo com a natureza e um afastamento das distrações e confortos urbanos. Os participantes se depararam com marcas de patas de onça, vespeiros e outros sinais da rica biodiversidade local, aprendendo a se movimentar e agir com respeito e cautela nesse ecossistema, gerando momentos de lazer e contemplação incluíram banhos em uma fonte de água gelada montanhosa, uma experiência revigorante que reforçou a conexão com os elementos naturais e a importância do sagrado fluvial para o povo Borum Kren.

Ao longo da vivência, os costumes e práticas cotidianas da comunidade foram compartilhados de forma orgânica, permitindo que os participantes observassem e participassem de atividades tradicionais, compreendendo melhor as estruturas sociais, as relações de parentesco e os modos de interação com o ambiente. Para muitos, essa imersão representou um grande choque de realidade, confrontando-os com formas de vida e perspectivas totalmente diferentes das suas. No entanto, a maioria permaneceu empolgada e engajada, valorizando a oportunidade única de aprendizado e crescimento pessoal que a experiência proporcionou.

Em suma, o Projeto Awery conseguiu cumprir com excelência seu propósito de promover o entendimento e a valorização das culturas indígenas através de experiências diretas e significativas. As atividades realizadas fomentaram não apenas o conhecimento, mas também o respeito, a empatia e o desejo de apoiar e preservar as ricas tradições e saberes dos povos originários do Brasil. Através da colaboração entre os institutos indígenas e a UFOP, o projeto destacou o potencial transformador da educação intercultural e estabeleceu um modelo inspirador para futuras iniciativas de integração e respeito mútuo entre diferentes culturas, configurando desse modo como um projeto promovedor de atitudes decoloniais.

#### **Pesquisa de campo 4:**

Durante minha participação no Projeto de Residência Pedagógica, tive a oportunidade de trabalhar em salas de aula de escolas da rede estadual nas cidades de Mariana e Ponte Nova. Essa experiência me proporcionou um contato direto com alunos cujas origens, em muitos casos, refletiam um processo de desracialização. Observando os fenótipos dos estudantes, era evidente que muitos deles tinham ascendência indígena, mas suas identidades haviam sido apagadas ao longo do tempo, deixando-os desconectados de suas raízes e parte do que se poderia chamar de "geração roubada" — jovens que não possuem a mínima consciência de suas origens indígenas.

Ao longo das aulas, quando os alunos descobriam que eu era indígena, a dinâmica da classe mudava drasticamente pois o interesse deles se voltava inteiramente para minha identidade, desviando o foco do conteúdo programado para questões sobre minha origem. As perguntas que surgiam, muitas vezes, eram profundamente pessoais e, por vezes, chocantes revelando uma compreensão estereotipada e distorcida da identidade indígena, amplamente difundida entre os não indígenas.

Os alunos me perguntavam se eu já havia comido carne humana, se era treinada para matar pessoas, se bebia e fumava, e se já havia matado alguém com arco e flecha. Essas perguntas, além de serem desconcertantes, demonstravam a falta de compreensão e os preconceitos que ainda cercam a identidade indígena na sociedade brasileira. Quando eu respondia que não, os alunos frequentemente demonstravam decepção e, de forma ainda mais perturbadora, questionavam se eu era realmente indígena.

Essa experiência foi reveladora, evidenciando a profunda desconexão entre a realidade das comunidades indígenas e as percepções equivocadas que prevalecem na sociedade, destacando a necessidade urgente de promover uma educação mais inclusiva e informada, que possa desfazer esses estereótipos e reaproximar os jovens de suas verdadeiras origens culturais. Trabalhar nesse ambiente foi um desafio, mas também uma oportunidade de refletir sobre como a identidade indígena é construída, percebida e, muitas vezes, distorcida no imaginário coletivo.

Essa distorção é fruto do processo de detração da cultura indígena que gerou uma imagem deturpada dos povos originários, perpetuada e readaptada ao longo do tempo, segundo o estudo de Eugênio e Aguiar (2023), que reproduz o discurso colonial que a decolonialidade visa combater.

### **Pesquisa de campo 5**

A primeira imersão Wyrakuna, realizada em Serra Grande, um distrito de Uruçá, Bahia, foi uma experiência transformadora e profundamente conectada às raízes ancestrais. O encontro reuniu mulheres indígenas de diversas idades e etnias de todo o Brasil, em um espaço sagrado onde a presença masculina foi restrita a crianças, preservando a integridade do círculo de sagrado feminino.

Durante a imersão, vivemos em uma oca tradicional, tomamos banho de rio e cachoeira, e dormimos em redes, seguindo o ritmo natural do dia, acordando ao nascer do sol e repousando logo após o anoitecer. A falta de sinal de celular reforçou o desapego ao mundo externo, permitindo uma imersão total nas práticas e saberes tradicionais.

Os dias foram intensamente preenchidos por programações, incluindo rituais e sigilos que não podem ser relatados, mas que contribuíram para uma profunda conexão espiritual e cultural. Durante o evento, os ritos e sigilos que realizamos foram profundamente enraizados nas práticas antigas e inexplicáveis que herdamos de nossa ancestralidade, tais cerimônias sagradas foram dedicadas à consagração das medicinas da floresta, como o

tabaco mascado e o rapé, que carregam consigo um poder espiritual e curativo imensurável.

O aspecto mais marcante dessas experiências foi a união das mulheres, todas realizando as ações ao mesmo tempo, em perfeita harmonia, como se nossos espíritos estivessem interligados em um só propósito. Esse momento coletivo não só fortaleceu nossos laços, mas também nos conectou profundamente com a sabedoria ancestral, criando um espaço sagrado onde o passado e o presente se entrelaçaram, renovando nossas forças e reafirmando nossa identidade, sendo a troca de experiências, a convivência em comunidade, e o respeito às tradições de cada etnia presente foram centrais nessa jornada. Quando os homens chegaram, apenas no último dia, a imersão já havia cumprido seu propósito, fortalecendo nossas identidades e criando um espaço de renovação e empoderamento feminino indígena que são vitais para nossa decolonialidade.

### **Pesquisa de campo 6**

Ser exilado e escamoteado de sua comunidade indígena representa uma experiência profundamente desafiadora e dolorosa, posso afirmar isso pois essa é minha condição atual, esse desafio e angústia vêm principalmente porque a identidade indígena é, em grande medida, uma construção coletiva. A vida em uma comunidade indígena é marcada por um sentido profundo de pertencimento e conexão com o grupo, onde a identidade é construída e reforçada através das interações, rituais e práticas compartilhadas e quando alguém é separado desse contexto, a dificuldade em manter a herança cultural e a identidade de forma isolada é imensa, muitas vezes resultando em uma crise de identidade que pode ser devastadora.

A essência da identidade indígena, como toda a identidade, de acordo com o estudo de Proença e Teno (2011) está enraizada no coletivo; os povos indígenas existem e resistem como coletivos, não como indivíduos isolados: A cultura, as tradições e a linguagem são perpetuadas através da vivência comunitária, das trocas contínuas e do suporte mútuo. Quando um indivíduo é deslocado, não apenas perde o contato direto com esses elementos culturais, mas também enfrenta o desafio de manter sua herança cultural sem o suporte e

a prática cotidiana de sua comunidade, isso pode gerar um sentimento profundo de vazio e solidão, onde a falta de conexão com a coletividade torna difícil sustentar a própria identidade cultural.

O exílio de um membro de sua comunidade pode ter causas variadas, que podem ser tanto justas quanto injustas. Muitas vezes, essas decisões são tomadas pelas lideranças da comunidade, que podem ser influenciadas por fatores complexos, incluindo, infelizmente, aspectos da colonização que assimilaram e amplificaram a vaidade, o ego e a rivalidade entre os membros das comunidades indígenas. Esses fatores externos têm o potencial de distorcer as práticas tradicionais e promover conflitos internos que, por sua vez, afetam a coesão e a integridade do grupo.

O exílio não é apenas uma separação física, mas também uma ruptura simbólica com o que significa ser parte de um povo. A ausência de uma rede de suporte e a desconexão dos rituais e práticas diárias podem fazer com que a pessoa se sinta deslocada, não apenas em termos físicos, mas também espirituais e emocionais somadas a crise de identidade que surge desse isolamento é um reflexo da necessidade intrínseca do ser humano de pertencer a algo maior do que si mesmo, um coletivo que compartilha e perpetua uma cultura e uma história comuns.

Portanto, a resiliência e a continuidade dos povos indígenas estão intimamente ligadas ao seu caráter coletivo de maneira em que luta pela preservação da cultura e da identidade é, em última análise, uma luta pela preservação do coletivo e do pertencimento, a experiência de ser exilado e escamoteado destaca a importância fundamental de manter e reforçar essas conexões comunitárias para a sobrevivência e o florescimento das tradições indígenas.

## **Capítulo 1:**

A medida que as pesquisas de campo acima relatadas, junto com a leitura de textos especializados no tema desse TCC, foram gerando acúmulo de experiência, foi possível a construção do Projeto Descoloniza, que foi motivado por um evento doloroso e impactante: o massacre Guarani Kiowá. Esse acontecimento catalisou em mim a necessidade urgente de criar uma iniciativa que oferecesse visibilidade à questão indígena, não apenas como uma reação imediata, mas como uma ação contínua e transformadora.

Desde o princípio, ficou claro que o projeto exigiria mais do que simples dedicação, assim sendo decidi criar um site que servisse como um repositório central de informações confiáveis e atualizadas sobre os povos indígenas, abordando temas que variavam desde a história até as questões contemporâneas de luta por direitos. A escolha do nome, "Descoloniza", refletia o objetivo maior de desafiar as narrativas dominantes e promover um processo de descolonização do pensamento e das práticas sociais em relação aos povos originários.

Paralelamente ao site, a criação de uma página no Instagram surgiu como uma estratégia para alcançar um público mais amplo e diversificado, utilizando as redes sociais como ferramenta de conscientização e mobilização, a qual cada postagem foi cuidadosamente

elaborada para educar e provocar reflexão, trazendo imagens, textos e dados que destacavam a riqueza das culturas indígenas e as injustiças que continuam a ameaçá-las.

No entanto, a fase mais desafiadora do projeto foi, sem dúvida, a realização das entrevistas. Inicialmente, eu subestimei as dificuldades de conseguir a participação de pessoas dispostas a compartilhar suas experiências e conhecimentos. Muitos dos possíveis entrevistados demonstraram hesitação, temendo as consequências de expor suas opiniões ou simplesmente não se sentindo à vontade para falar, tal resistência foi um obstáculo que precisei superar com paciência e sensibilidade, entendendo que essas recusas eram também um reflexo das muitas camadas de opressão e desconfiança construídas ao longo dos séculos.

Quando as entrevistas finalmente ocorriam, um novo desafio se apresentava: a produção do material, visto que cada entrevista gerava um volume significativo de conteúdo que precisava ser transcrito, editado e formatado para publicação. Esse trabalho, realizado inteiramente por mim, exigia horas de dedicação, e, por vezes, parecia quase impossível equilibrar essa carga com as outras demandas do projeto e da vida pessoal, mesmo assim, cada entrevista publicada trazia uma sensação de realização, sabendo que estava contribuindo para dar voz a histórias que muitas vezes são ignoradas ou distorcidas pela mídia tradicional.

Além disso, financiar o projeto exclusivamente com recursos próprios foi um aspecto particularmente desafiador pois ele foi elaborado sem patrocínios ou apoio financeiro externo. Cada fase do projeto representava um investimento significativo, desde a manutenção do site até os custos envolvidos na produção de conteúdo. A falta de recursos muitas vezes limitava o alcance e o impacto das ações, mas também me obrigava a ser criativa e estratégica na utilização dos meios disponíveis.

Apesar dessas dificuldades, o Projeto Descoloniza foi um marco crucial na minha vida e no meu envolvimento com o movimento indígena, pois ele me proporcionou uma compreensão mais profunda das complexidades envolvidas na luta pelos direitos indígenas e me conectou a uma rede de pessoas igualmente comprometidas com essa causa. Através do projeto, não apenas acredito ter contribuído para a visibilidade da questão indígena, mas também encontrei meu lugar dentro do movimento, solidificando meu papel como um aliado e ativista na luta por justiça e equidade para os povos originários.

Essa experiência, embora marcada por desafios e sacrifícios, foi transformadora, moldando a maneira como vejo o ativismo e reforçando meu compromisso com a luta contínua por um futuro mais justo e inclusivo para todos, sendo tal iniciativa, a do projeto Descoloniza, um exemplo prático de uma atitude decolonial.

## **Cápítulo 2:**

A retomada da identidade indígena é um processo multifacetado que envolve a recuperação de elementos culturais, históricos e espirituais. Tal ato reflete a luta contínua dos povos indígenas contra a marginalização e o apagamento cultural promovidos pelo colonialismo. Este conceito é amplamente discutido por autores como Marrie Anne Paveau (2013), que destaca a importância da memória e da identidade cultural na construção de um sentido coletivo.

A língua Ithok é um aspecto central para o povo Borum Kren, pois não se trata apenas de um meio de comunicação, mas de um instrumento de resistência e de afirmação da identidade. A imposição de línguas coloniais, como o português, levou à perda de saberes tradicionais e narrativas essenciais, impactando profundamente a identidade cultural. A relação entre língua e identidade é abordada em estudos de Votre (2021), que enfatiza a importância da recuperação linguística como parte da resistência cultural.

A memória coletiva dos Borum Kren, transmitida oralmente, serve como um repositório dinâmico de saberes ancestrais e por meio da revitalização da língua permite que essa memória seja resgatada e que os significados dos nomes e práticas culturais sejam reconstituídos. Os nomes próprios na língua Ithok têm significados profundos que refletem a conexão do povo com a natureza e suas práticas espirituais, a reestruturação



dos nomes não é apenas uma questão linguística, mas um ato de reafirmação cultural que resgata valores ancestrais.

A noção de memória como um elemento vital para a identidade é fundamentada nas ideias de Paveau (2013), que a vê como um elo que conecta as gerações e assegura a continuidade cultural. Essa mesma autora também discute a relação entre cosmovisão e identidade, indicando que a compreensão dos nomes tradicionais é parte de uma rede mais ampla de significados que sustentam a identidade cultural.

A cognição, entendida como os processos mentais envolvidos na interpretação e ressignificação dos nomes, é essencial para a continuidade cultural, de modo que a aprendizagem e a internalização dos significados permitem que os Borum Kren transmitam esse conhecimento às futuras gerações. A ênfase em cognição como parte do processo identitário é uma contribuição valiosa de Paveau (2013), que destaca a importância do entendimento coletivo na preservação cultural.

A análise do discurso decolonial entre os Borum Kren revela um movimento de resistência contra narrativas hegemônicas que historicamente silenciaram as vozes indígenas, sendo que a recuperação de elementos culturais, como os nomes tradicionais como fez Errénu (2024), é uma forma de insurgência cultural que busca reverter a colonização simbólica.

Nesse sentido, Votre (2021) discute como a revalorização da cultura indígena e a afirmação da identidade são essenciais para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, tal qual a luta pela revitalização da língua e da cultura entre os Borum Kren não é apenas uma questão de preservação, mas também uma forma de resistência ativa contra as pressões assimilacionistas. Essa recuperação é um passo crucial para a autodeterminação e o fortalecimento da comunidade.

A retomada da língua Ithok e da identidade cultural entre os Borum Kren é um processo de resistência e afirmação, repleto de significados que vão além da simples recuperação de palavras. É uma luta pela dignidade, memória e pela continuidade de uma cosmovisão que resiste ao colonialismo.

### Capítulo 3

A retomada da identidade do povo Borum Kren envolve um retorno a modos de vida tradicionais, que incluem adornos, padrões de beleza, grafismos culturais, alimentação e formas de vivência. Tal abordagem de simbolismo é essencial para reconstruir a imagem do povo, especialmente após séculos de colonialismo que tentaram suprimir suas práticas culturais. Essa noção de identidade cultural abrangente é discutida por diversos estudiosos, incluindo Paveau (2013), que enfatiza a importância de resgatar múltiplos aspectos da cultura para afirmar a identidade coletiva.

Historicamente, os adornos e a estética indígena foram desvalorizados e demonizados pela visão colonialista (EUGÊNIO e AGUIAR, 2023, p. 97...), que os considerou "primitivos", a repressão impactou profundamente a forma como os Borum Kren se relacionam com seus símbolos culturais, criando uma relação ambígua e insegura em relação a esses elementos. Esse tema é abordado por Votre (2021) que analisa a sobreposição de discursos, no caso como a colonização impôs uma visão hegemônica sobre as culturas indígenas, levando a um processo de desvalorização cultural.

A insegurança em usar adornos tradicionais é um reflexo do trauma histórico e do racismo estrutural. Muitos Borum Kren temem a discriminação ao exibir sua identidade cultural, o que gera um conflito interno entre o desejo de se afirmar e o medo de marginalização. Tal conceito é apoiado por estudos sobre trauma coletivo, como os de Benedict Anderson (2005), que ajuda a compreender a construção de identidades em contextos de opressão.

Os adornos corporais, antes símbolos de orgulho, agora são vistos com desconfiança, inclusive dentro da própria comunidade, sendo a revitalização desses elementos é um passo importante para a superação dos traumas e para a reafirmação da identidade.

O retorno à alimentação tradicional, que foi alterada durante a colonização, é fundamental para reafirmar a conexão com a terra. No entanto, essa prática enfrenta resistência, especialmente entre as gerações mais jovens, que podem ter se distanciado da dieta ancestral em um fenômeno de hibridismo e de estruturação das práticas alimentares ao longo dos anos, a fim de levar os povos indígenas à fome retirando os alimentos aos quais estavam acostumados, e os subsistindo por outros os quais não tem acesso ou não tem grande assimilação por seus organismos. As formas de vivência dos Borum Kren, que incluem trabalho comunitário e rituais, contrastam com a estrutura linear de tempo imposta pelo colonialismo. Retornar a essas práticas é uma forma de resgatar uma convivência mais harmoniosa, tanto entre as pessoas quanto com a natureza, bem como caracteriza uma resistência decolonial.

A retomada dos adornos, grafismos e modos de vida tradicionais, apesar das inseguranças, é um componente crucial na construção da identidade coletiva do povo Borum Kren. Esses elementos não apenas fortalecem a identidade, mas também servem como uma narrativa de resistência cultural. Essa ideia de resistência cultural é fundamentada em teorias de Homi K. Bhabha (), que fala sobre o "hibridismo" e as formas de resistência em contextos coloniais.

A retomada da identidade cultural do povo Borum Kren é um processo multifacetado que envolve a revitalização de adornos, grafismos, alimentação e modos de vivência. Esse movimento é uma resposta ao trauma histórico e ao racismo persistente, e representa um ato de resistência e de reafirmação da identidade. Ao resgatar esses elementos, os Borum Kren não apenas preservam sua cultura, mas também reafirmam sua dignidade e resistência em um mundo que frequentemente tenta silenciar suas vozes, fazendo a construção de sua imagem discursiva é, assim, um testemunho de sua resiliência e determinação em existir plenamente em sua identidade cultural.

## Capítulo 4

Paveau (2013) oferece uma perspectiva crítica sobre a intersecção entre discurso, memória e identidade, especialmente em contextos de apagamento cultural. Através da interdiscursividade, ela analisa como diferentes discursos interagem ao longo do tempo, destacando a luta entre discursos coloniais e decoloniais. Essa abordagem é fundamental ao examinar a construção da identidade em um cenário de opressão e resistência.

A interdiscursividade, central na análise de Paveau (2013), refere-se à forma como discursos variados se entrelaçam, especialmente entre os discursos coloniais, que buscam apagar identidades indígenas, e os decoloniais, que buscam resgatar a memória coletiva. Esse conceito é vital para entender a dinâmica do poder no discurso, Paveau (2013) também introduz a ideia de memória discursiva, que se refere à influência dos discursos do passado nas narrativas atuais como a situação língua Ithok e a história dos Borum Kren são permeadas por uma memória coletiva que foi distorcida pela colonização.

A noção de memória como um campo discursivo é discutida por Paveau (2013), que enfatiza sua importância na afirmação da identidade cultural. Outro aspecto em sua obra é a materialidade do discurso, que analisa como os discursos se manifestam simbolicamente e fisicamente. Os elementos do discurso indígena, nesse contexto, são uma forma de resistência ao apagamento cultural.

A ética discursiva, segundo Paveau (2013), envolve a responsabilidade dos indivíduos na criação e interpretação de discursos, ou seja, reconhecer e respeitar as e identidades indígenas é um ato de resistência ética contra o apagamento cultural. O apagamento das identidades indígenas é tratado como uma forma de violência simbólica pelo discurso

colonial, e a análise decolonial visa reverter esse processo, resgatando memórias e identidades suprimidas.

Guimarães (2005) discute como eventos históricos são significados e resignificados pela sociedade, o contexto dos Borum Kren e a guerra justa (Contexto em que qualquer nativo que se opusesse a colonização podia ser morto ou escravizado) são exemplos de como a imposição de nomes e identidades é um processo dinâmico de luta cultural. Essa que explora a relação entre dominação e resistência de discursos é detalhada em sua obra "A Semântica do Acontecimento".

Guimarães (2005) ilumina como os povos subjugados resistem e mantêm suas identidades vivas, destacando que a luta pela significação e ressignificação de acontecimentos históricos é contínua, tal análise é influenciada por Michel Foucault, que discute a luta pelo poder e a construção de identidades em suas obras.

A análise do discurso decolonial no contexto do povo Borum Kren, fundamentada nas teorias de Paveau (2013) e Guimarães (2005) revela a complexidade da memória cultural e da identidade indígena. A intersecção de discursos coloniais e decoloniais, a ética na interpretação e a materialidade dos nomes são elementos essenciais para entender como o povo Borum Kren busca revalorizar sua história e reafirmar sua identidade em um mundo que frequentemente tenta apagá-la. Esse processo é fundamental para a construção de uma sociedade mais inclusiva e consciente da diversidade cultural.

## Capítulo 5

O texto explora a relação entre linguagem, memória e identidade do povo Borum Kren, enfatizando a inversão linguística como um instrumento de controle colonial sendo que a inversão linguística, por meio da imposição de termos estrangeiros e da substituição de nomes próprios, emerge como uma estratégia de apagamento cultural. A colonização utilizou a distorção de palavras tradicionais para alienar os povos indígenas de suas raízes, tal fenômeno é explorado por Homi K. Bhabha (1998), que discute como a linguagem pode ser uma ferramenta de dominação cultural.

O controle da língua foi uma das primeiras estratégias de dominação simbólica no processo colonial fazendo do ato de renomeação de lugares e elementos culturais visava não apenas a reorganização espacial, mas também um controle psicológico das comunidades indígenas. Os nomes tradicionais, que tinham significados culturais e espirituais, foram substituídos por designações ocidentais. Tal prática, presente em documentos oficiais e cerimônias, criou uma ruptura com o passado e impôs uma nova identidade.

A substituição de nomes tradicionais não apenas buscou destruir o elo cultural, mas também facilitou a assimilação forçada dos indígenas, promovendo uma desconexão entre as novas gerações e suas origens como por exemplo os rios Watú e Uaymií que se tratavam de entidades vivas e parentes próximos do povo Borum Kren e ao serem renomeados para Rio Doce e Rio das Velhas carregam agora apenas uma carga de um mero recurso hídrico a ser explorado, distanciando o povo de sua conexão com os mesmos.

Conforme relatos orais obtidos durante as pesquisas de campo, antigas histórias diziam que Watú era um Mhakian vindo da morada das estrelas, sendo em algumas versões irmão do criador. Já em outras, ele se transformou em um rio para que o povo tivesse água sempre e que gostou tanto do povo que decidiu ficar para sempre junto dele. Já Uaymií era uma das membros da primeira família Borum Kren, a caçula dos filhos de Jarik que sem saber quem era o pai da criança dos olhos de lua ( ela tinha 3 maridos ) a deixou para ser criada por Watú em segredo, o que causaria sua morte pela sua própria irmã anos depois e geraria o rio Uaymií das lágrimas de sua mãe no qual a menina poderia ficar viva e se tornar uma profeta. Essa história é a razão do fim da poligamia feminina e razão da primeira migração do povo Borum Kren.

Apesar da resistência, muitos indígenas enfrentam dificuldades em usar seus nomes étnicos, devido à legislação que considera esses nomes como "constrangedores". A resistência à aprendizagem da pronúncia correta dos nomes nativos é também um reflexo do racismo estrutural.

Os Borum Kren buscam maneiras de preservar sua identidade, ressignificando suas nomenclaturas e nomes próprios como forma de resistência à opressão colonial. A linguagem é vista como um campo crucial na luta pela preservação da identidade indígena, e dentro dessa lógica a recuperação de nomes tradicionais é um ato de resistência e uma busca pela autonomia cultural, como analisa Bakhtin (2006), que aborda, entre outras coisas na obra citada, a luta pelo significado e a dinâmica de vozes na construção de identidade.

A análise da inversão linguística no contexto do povo Borum Kren revela como o controle da linguagem é um meio eficaz de apagamento cultural. A luta pela preservação de suas nomenclaturas e nomes tradicionais é um ato de resistência contra a opressão colonial, essencial para a afirmação de sua identidade e memória cultural. A preservação de seus nomes é mais do que um resgate linguístico; é uma reivindicação de sua história, identidade e direito à existência enquanto povo originário.

## **Conclusão**

A análise discursiva decolonial desenvolvida neste trabalho trouxe à tona a complexidade e a resiliência do povo Borum Kren na retomada de seu discurso identitário. Este processo vai além da mera recuperação de uma narrativa histórica, envolvendo a ressignificação de sua existência, em um contexto marcado pela colonização e pela contínua negação de seus direitos, e que por meio da modalidade memorial foi possível captar não apenas a história, mas também as vivências, os desafios e a resistência desse povo.

A retomada do discurso identitário pelo povo Borum Kren está profundamente enraizada na memória coletiva, que se refere ao conjunto de lembranças, tradições e práticas que são compartilhadas e transmitidas entre gerações, que é essencial para a manutenção da identidade cultural do grupo, funcionando como uma âncora que conecta o passado ao presente e orienta as ações futuras. No caso dos Borum Kren, essa memória é preservada e revitalizada através de ritos, cantos e narrativas orais, que são não apenas formas de resistência, mas também mecanismos de fortalecimento da identidade.

Além disso, a memória assim praticada é central para compreender como o povo Borum Kren articula seu discurso identitário. A cena enunciativa se refere ao contexto específico em que os discursos são produzidos e recebidos, incluindo os atores envolvidos, as relações de poder em jogo e os significados compartilhados. Desse modo, neste TCC, a cena enunciativa é marcada pela presença de práticas discursivas que desafiam as imposições coloniais, permitindo que o povo Borum Kren reconfigure seu lugar na sociedade contemporânea que, por meio dessas práticas, reafirmam sua soberania cultural e resistem à tentativa de apagamento histórico.

Os desafios enfrentados pelo povo Borum Kren são múltiplos, incluindo a luta pela demarcação de terras, a preservação de suas tradições e saberes ancestrais, e a resistência à aculturação forçada, tendo que lidar também com a invisibilidade social e o preconceito,



que buscam deslegitimar suas reivindicações e perpetuar estereótipos negativos. Contudo, a vivência coletiva e a preservação da memória são ferramentas fundamentais na superação dessas adversidades, ao funcionarem como pilares da identidade de tal povo indígena.

Este estudo também sublinha a importância da construção de uma epistemologia decolonial que reconheça e valorize o conhecimento indígena, não apenas como um complemento à ciência ocidental, mas como um corpo de saberes autônomo e igualmente válido. A retomada do discurso identitário do povo Borum Kren é um exemplo claro dessa luta, que busca não apenas a sobrevivência física, mas também a manutenção e o florescimento de uma cultura rica e diversa.

Portanto, a retomada discursiva analisada neste trabalho não é apenas uma reafirmação da identidade Borum Kren, mas também uma demonstração da capacidade de resistência e adaptação desse povo diante de adversidades históricas e contemporâneas. Esse processo, ancorado na memória coletiva e articulado na cena enunciativa específica, é, em última instância, um ato de soberania cultural e uma afirmação de que o povo Borum Kren continua a escrever sua própria história, desafiando as imposições coloniais e reivindicando seu espaço no presente e no futuro.

## Bibliografia

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo*. Lisboa: Edições 70, 2005.

BAETA, Alenice; MOREIRA, Gilvander. *Memória Indígena Borum Kren na região de Ouro Preto, Minas Gerais*. Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva-CEDEFES, 2022. Disponível em: [cedefes.org.br/memoria-indigena-borum-kren-na-regiao-de-ouro-preto-minasgerais/](https://cedefes.org.br/memoria-indigena-borum-kren-na-regiao-de-ouro-preto-minasgerais/)

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. *O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Coleção educação para todos. Série Vias dos Saberes no 1. Brasília, novembro de 2006.

BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da Criação Verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CASANOVA, Pablo Gonzales. *Exploração, colonialismo e luta pela democracia na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2002.

COELHO, Lidiane Pereira e MESQUITA, Diana Pereira Coelho de. *Língua, cultura e identidade: Conceitos intrínsecos e interdependentes*. 2013, <https://api.semanticscholar.org/CorpusID:147291336>.

ERRÉNU, Kiolla. *Arquivo de nomes Borum Kren*. 1. ed. Publicação independente, 2024.

EUGÊNIO, Alisson e AGUIAR, Ademir Dias. Narrativas portuguesas sobre a colonização do Brasil: os primórdios da construção da imagem detratadora dos índios...In: SEBRIAN, Raphael N. (org.) *Histórias ibéricas e suas conexões*. São Paulo: Dialética, p 89-115, 2023.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: SANTOS,

- Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009.
- GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do acontecimento*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- HALL, Stuart. *Quando foi o pós-colonial? Pensando no limite*. In: Hall, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*,. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 101-131, 2003.
- JACINTO, Karen de Paula. *Um presente de passados: ciclos ininterruptos de exploração do território uamií até sua conformação ao quadrilátero ferrífero em Minas Gerais*. Mariana: TCC, Universidade Federal de Ouro Preto, Dep. de Serviço Social, 2023.
- PAVEAU, Marie-Anne. *Os pré-discursos*. 1. ed. Campinas: Pontes, 2013.
- PROENÇA, Maria Gladis Sartori e TENO, Neide Araújo Castilho. Algumas aproximações: compreendendo o conceito de identidade. *Educação e Fronteiras On-Line*, Dourados/MS, v.1, n.3, p.132-145, set./dez. 2011.
- QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Lander, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americana*, p. 227-278. Buenos Aires: Clacso, 2005.
- RIBEIRO, Núbia Braga. A Guerra sanguinolenta aos índios no sertão colonial. *Revista de história e estudos sociais*. Vol. 6, Ano IV, n. 4, 2009.
- VOTRE, Sebastião Josué. *Análise do discurso*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2021

## Referências documentais

**Anexo A** – Documentação do CEDEFES (Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva)

Cópia de documentos, fotos e registros históricos presentes no acervo do CEDEFES, que tratam da memória indígena e das reivindicações territoriais na região de Ouro Preto, MG.

**Anexo B** – Transcrição do artigo 231 da Constituição Federal do Brasil

Texto completo do artigo 231, que reconhece os direitos originários dos povos indígenas sobre as terras que tradicionalmente ocupam, bem como sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições.

**Anexo C** – Lei nº 12.288/2010

Cópia da Lei nº 12.288/2010, que trata da obrigatoriedade da autodeclaração étnico-racial seguindo grupos previamente delimitados.

*Nossas artérias, nossas raízes.* RJ: Universidade Indígena/ Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro.

*Cantos e encantos.* RJ: Universidade Indígena/ Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro.